

Aulas 3-4 – Estudos indo-europeus

# I – A CONSCIÊNCIA DE UM PASSADO COMUM

Ῥωμαῖοι δὲ φωνὴν μὲν οὐτ' ἄκρωσ βάρβαρον οὐτ' ἀπηρτισμένως Ἑλλάδα φθέγγονται, μικτὴν δὲ τινα ἐξ ἀμφοῖν, ἧς ἐστὶν ἡ πλείων Αἰολίς, τοῦτο μόνον ἀπολαύσαντες ἐκ τῶν πολλῶν ἐπιμιξιῶν, τὸ μὴ πᾶσι τοῖς φθόγγοις ὀρθοεπεῖν (Hal.Ant.1.90)

([Diferentemente de alguns outros gregos,] os romanos falam uma língua que não é nem inteiramente bárbara nem totalmente grega, mas misturada a partir de ambas, de que a maior parte é eólica; a única consequência de sua frequente mistura [com bárbaros] é que eles não pronunciam todos os sons corretamente)

ὁ Ῥωμύλος, ἢ οἱ κατὰ αὐτόν, δείκνυται κατ' ἐκεῖνο καιροῦ τὴν Ἑλλάδα φωνὴν, τὴν Αἰολίδα λέγω...Εὐάνδρου καὶ τῶν ἄλλων Ἀρκάδων εἰς Ἰταλίαν ἐλθόντων ποτὲ καὶ τὴν Αἰολίδα τοῖς βαρβάροις ἐνσπειράντων φωνὴν. (Catão, fr.3 FRH, apud Lydus *mag.*1.5)

(Rômulo, ou seus companheiros, mostrava, naquela época, a língua grega, digo o dialeto eólico... devido a Evandro e aos outros arcades, que foram para a Itália outrora e espalharam a semente da língua eólica para os bárbaros.)

(cf. B. STEVENS. Aeolism: Latin as a dialect of Greek. *The Classical Journal*, n. 102 (2), 2006-2007, p. 115-144.)

ROMAN  
VAEFNER  
ACO  
M  
S  
AEALTITVI  
VSSITFCGE

UMBERTO ECO

A busca da língua perfeita

NA CULTURA EUROPEIA



# ANTWOORD

van

MARCUS ZVERIVS van BOXHORN,

Gegeven

Op de V R A A G H E N,

hem voorgesteld over de Bediedinge van de

A F G O D I N N E

NEHAENNIA,

Onlancx uytgegeven.

In welke de ghemeine herkomfte van der Grieken, Romeinen, ende Duytschen Tale uyt den Scythen duydelyck bewesen, ende verscheiden Oudheden van dese Volkeren grondelijck ontdeckt ende verklaert worden.



TOT LEYDEN,

By WILLEM CHRISTIAENS VANDER BOXE.

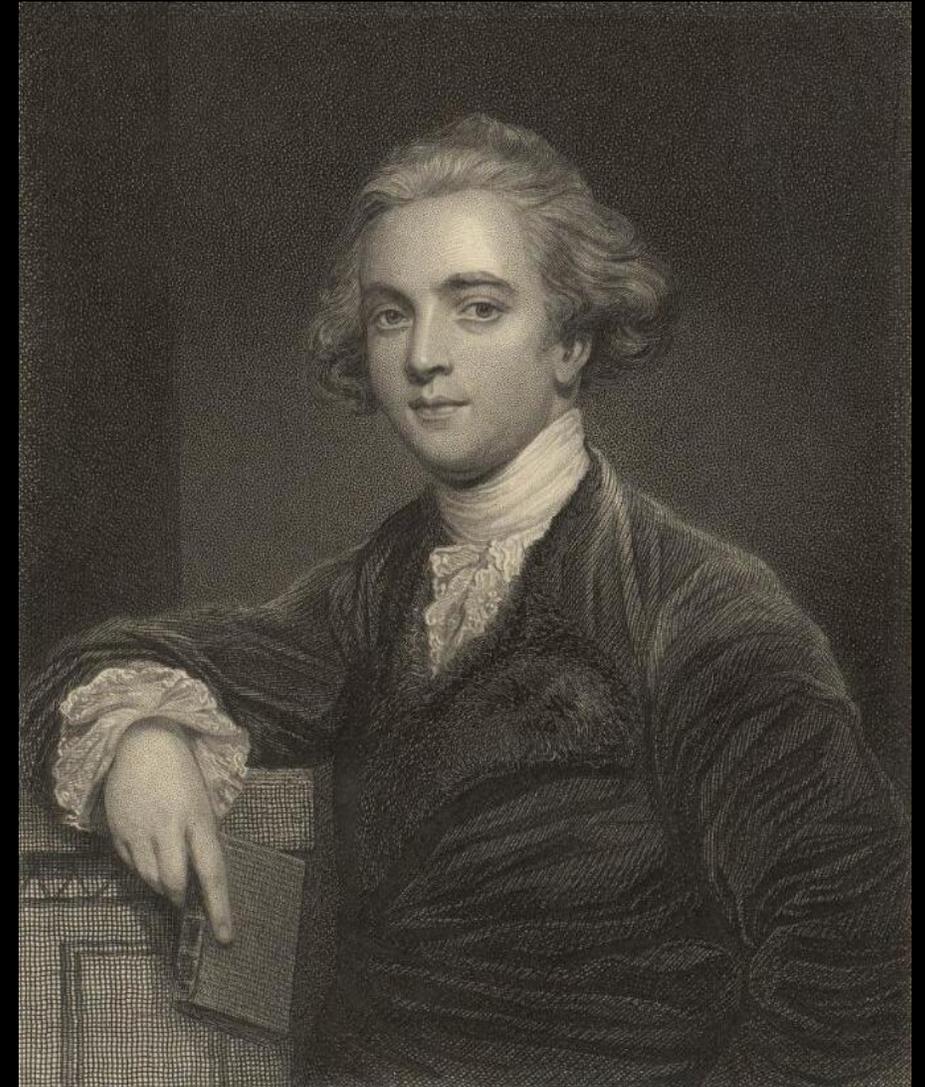
c1o 1o c XLVII.

Resposta dada por Marcus Zuerius van Boxhorn [1612-1653], à questão apresentada a ele sobre os ministérios do ídolo Nehaennia, recentemente descoberto, em que a proveniência comum das línguas grega, latina e holandesa a partir da cítia é devidamente provada, e as várias antiguidades desses povos são fundamentadamente descobertas e explicadas (1647 [já carta a Salmasius, 1637])



“A língua *sânscrita*, qualquer que seja sua antiguidade, é de uma estrutura maravilhosa; mais perfeita do que o *grego*, mais abundante do que o *latim*, e mais requintadamente refinada do que ambas, e no entanto, exibindo para com ambas uma afinidade mais forte, tanto nas raízes dos verbos como nas formas gramaticais, do que poderia ter sido produzido por um acaso; tão forte, com efeito, que nenhum filólogo poderia examinar as três sem acreditar que elas tenham surgido de alguma fonte comum que, talvez, não mais exista: há uma razão semelhante, embora talvez não tão evidente, para supor que tanto o *germânico* como o *celta*, embora misturados com um idioma bem diferente, tiveram a mesma origem que o *sânscrito*; e o antigo *persa* pode ser adicionado à família, se este fosse o lugar para discutir qualquer questão relativa às antiguidades da *Pérsia*.”

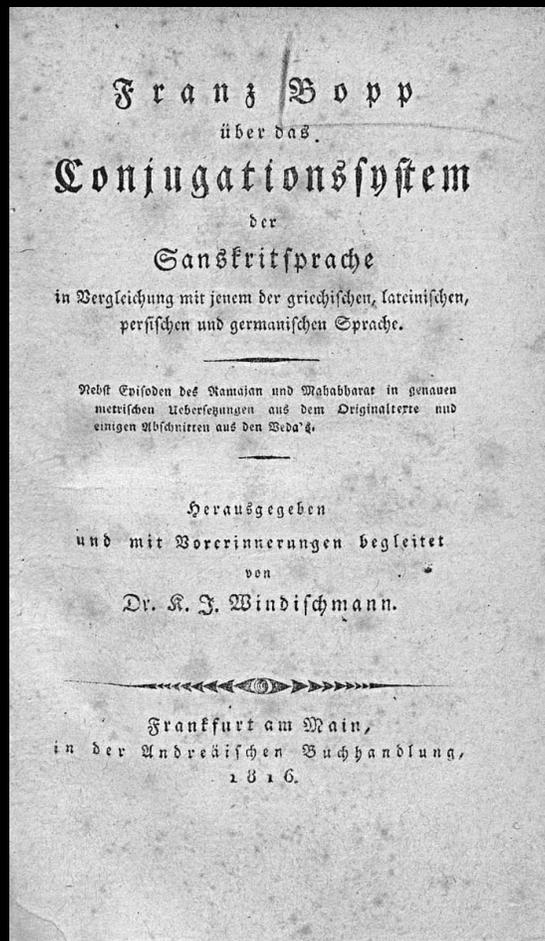
(palestra na Astatick Society, 2 de fevereiro de 1786)



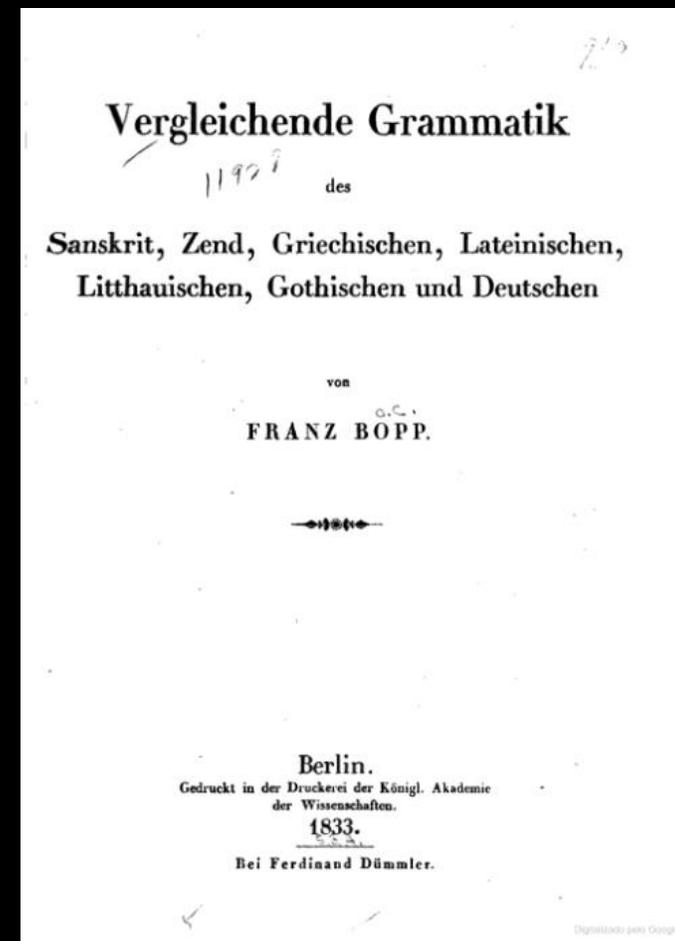
(Sir William Jones, 1746-1794)



(Franz Bopp, 1791-1867)



(Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em comparação com aquele do grego, do latim, do persa e do germânico, 1812)



(Gramática comparativa do sânscrito, avesta, grego, latino, lituano, gótico e alemão, 1833-1852, 6 volumes)

## II – O MÉTODO COMPARATIVO

“O método comparativo não é muito complicado, mas é uma das teorias mais poderosas a respeito da linguagem humana já propostas e a teoria que mais duradouramente resistiu ao teste do tempo. Em termos simples, o comparatista tem um fato e uma hipótese. O **fato** é que determinadas línguas apresentam semelhanças que são tão numerosas e tão precisas, que elas não podem ser atribuídas ao acaso, e que são tais que não podem ser explicadas como empréstimos de uma língua à outra ou como características universais ou quase universais de muitas ou todas as línguas humanas. A **hipótese** do comparatista, então, é que essas semelhanças entre determinadas línguas precisa resultar de elas terem se desenvolvido a partir de uma língua comum originária.”

(C. WATKINS. *How to Kill a Dragon: aspects of Indo-European Poetics*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 4.)

Espanhol

diente

Italiano

dente

Francês

dent

Português

dente

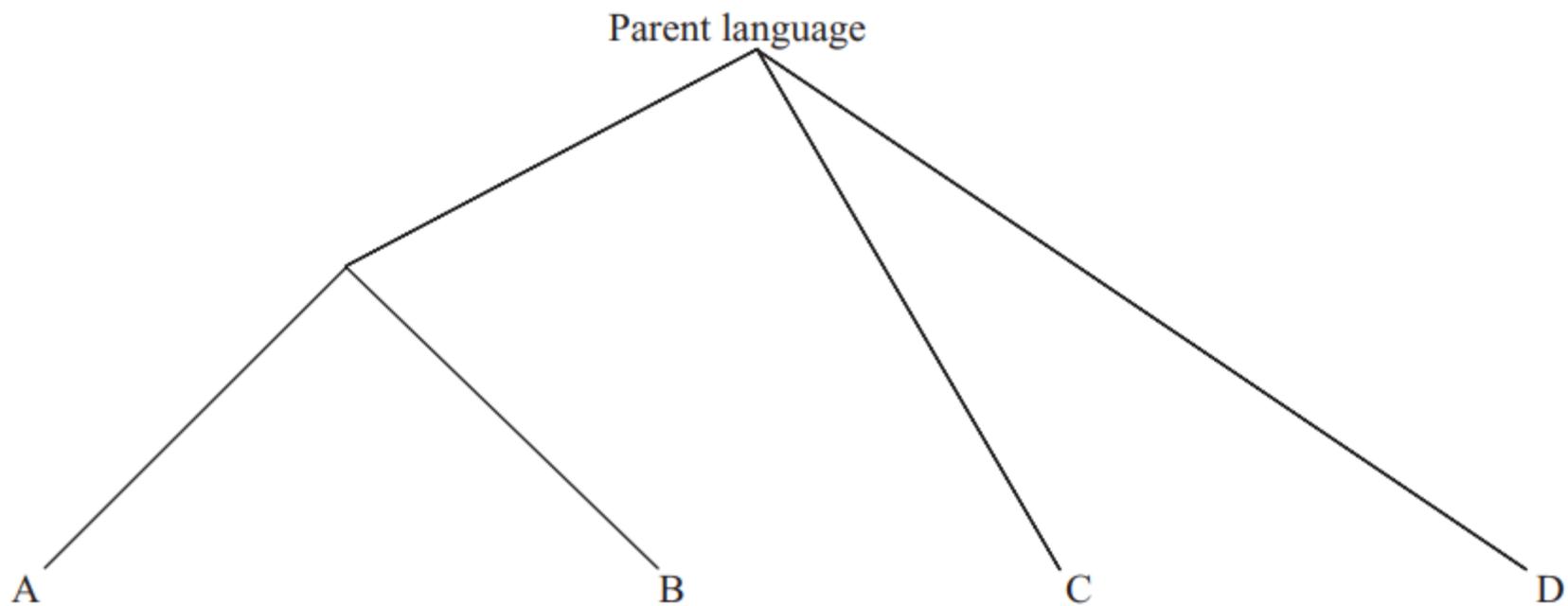


Figure 1.1 *A language family tree*

(J. CLACKSON. *Indo-European Linguistics: an introduction*.  
Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 6.)

“Quando os sons de uma língua mudam, fala-se em uma *mudança fonética*. As mudanças fonéticas, o que é importante, são *regulares e sem exceções* – isto é, elas afetam todos os exemplos relevantes dos sons específicos na língua. Esse enunciado relativo à mudança fonética é a chamada **hipótese neogramática**, cujo nome deriva dos neogramáticos, um grupo influente de linguistas do século XIX.”

(B. W. FORTSON IV. *Indo-European Language and Culture: an introduction*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2010, p. 5.)

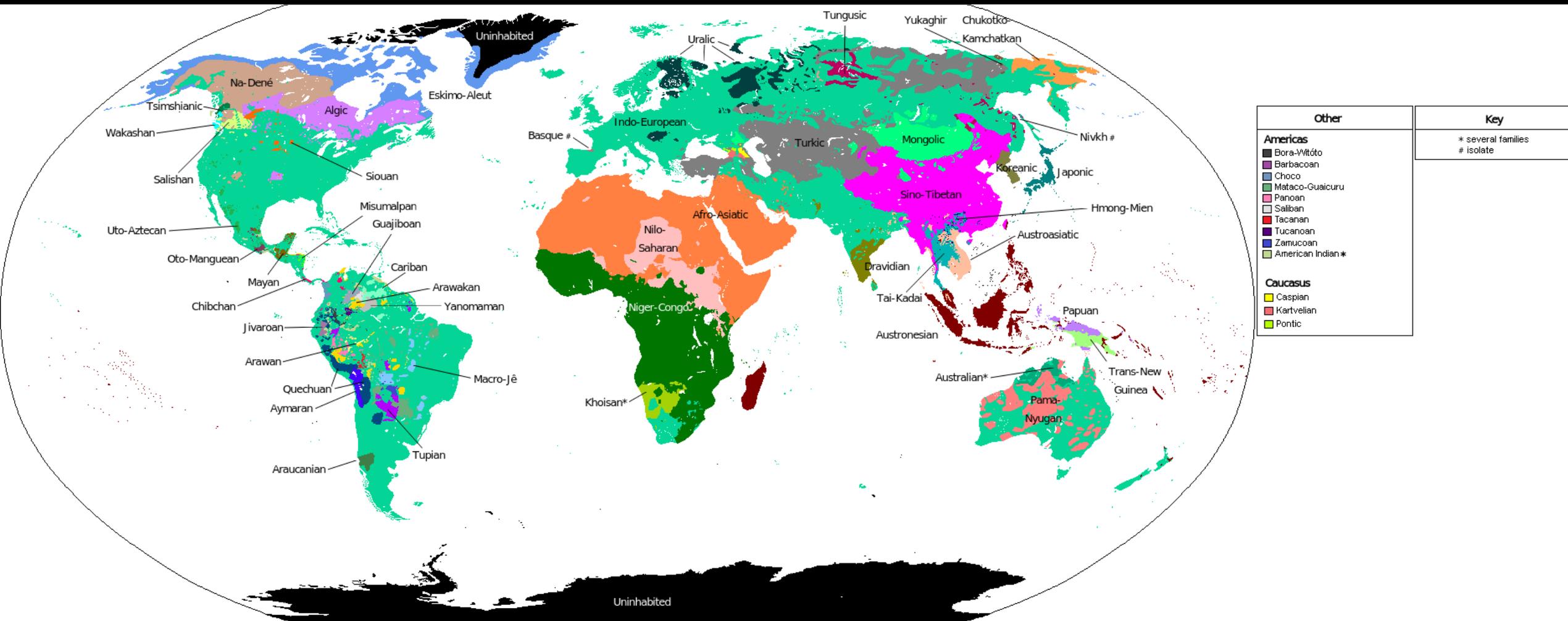
Name	Language(s) affected	Effect
BRUGMANN'S Law	Indo-Iranian	* <i>o</i> > <i>ā</i> in open syllables
GRASSMANN'S Law	Greek and Indic (separately)	C <sup>h</sup> VC <sup>h</sup> > CVC <sup>h</sup> affects voiceless aspirates in Greek: <i>títhēmi</i> < earlier * <i>thith</i> ; voiced aspirates in Indic: <i>dádhāmi</i> < earlier * <i>dhadh</i> -
GRIMM'S Law	Germanic	* <i>b<sup>h</sup></i> > <i>β</i> , * <i>b</i> > <i>p</i> , * <i>p</i> > <i>f</i> * <i>d<sup>h</sup></i> > <i>ð</i> , * <i>d</i> > <i>t</i> , * <i>t</i> > <i>θ</i> * <i>g<sup>h</sup></i> > <i>ɣ</i> , * <i>g</i> > <i>k</i> , * <i>k</i> > <i>h</i> , etc. often called 'the (first) consonant shift'
OSTHOFF'S Law	Greek and possibly other languages	<i>v̄</i> RC > <i>v</i> RC (long vowel before * <i>i</i> * <i>u</i> * <i>r</i> * <i>l</i> * <i>m</i> * <i>n</i> and consonant is shortened) e.g. * <i>luk<sup>w</sup>ōis</i> > Greek <i>lúkois</i>
Law of the PALATALS	Indo-Iranian	Describes a series of changes of dorsal consonants before front vowels * <i>k<sup>w</sup>e</i> > <i>ca</i> , * <i>g<sup>w</sup>e</i> > <i>ja</i> , * <i>g<sup>wh</sup>e</i> > <i>jha</i> (or <i>ha</i> ) but * <i>k<sup>w</sup>o</i> > <i>ka</i> , * <i>g<sup>w</sup>o</i> > <i>ga</i> , * <i>g<sup>wh</sup>o</i> > <i>gha</i> (or <i>ha</i> )
RUKI Rule	Indo-Iranian, Slavic <i>et al.</i> (?)	Describes a conditioned change of * <i>s</i> when it follows * <i>r</i> , * <i>u</i> , * <i>k</i> , * <i>i</i> Outcomes differ: in Sanskrit 'ruki' * <i>s</i> > <i>ʃ</i>
VERNER'S Law	Germanic	Intervocalic voiceless fricatives become voiced unless preceded by the accent (a corollary to Grimm's Law) e.g. Old English <i>broþer</i> < * <i>bhráter</i> , <i>fæder</i> < * <i>pátér</i>

Consonantes indoeuropeas y su reflejo en las lenguas derivadas

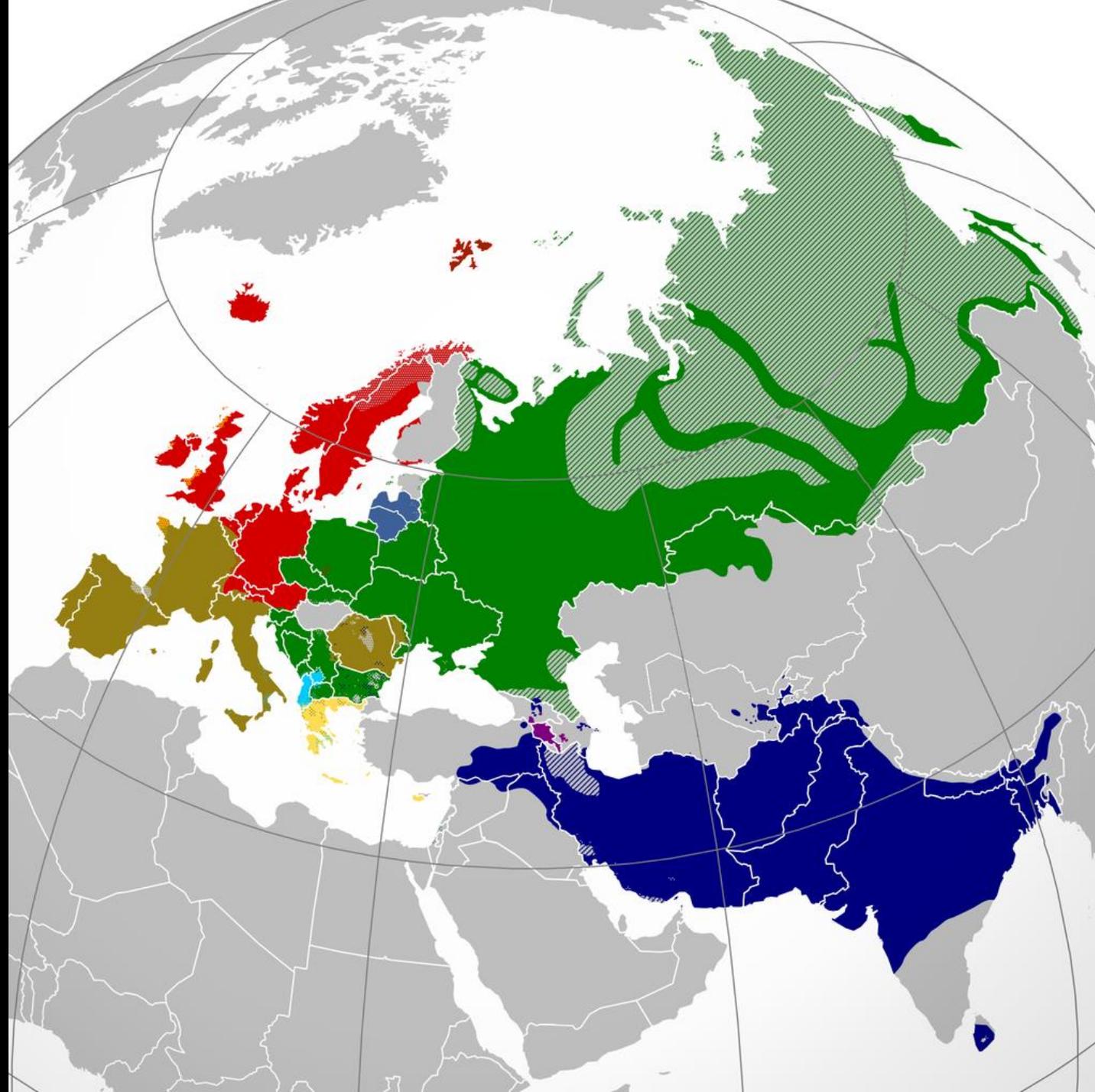
PIE Trad.	PIE de las laringales	Sánscrito	Avéstico	Antiguo Esloveno Eclesiást.	Lituano	Armenio	Albanés	Tocario	Hitita	Griego	Latín	Irlandés antiguo	Proto germ.					
*p	*p <sup>(h)</sup>	p	p	p	p	h w <sup>1</sup>	p	p	p	p	p	∅ ch lxl <sup>2</sup>	*f, *β <sup>3</sup> ; *p <sup>4</sup>					
*t	*t <sup>(h)</sup>	t	t	t	t	t' /tʰ/	t	t c [c] <sup>5</sup>	t z <sup>5</sup>	t	t	t th /θ/ <sup>8</sup>	*θ *θ <sup>3</sup> *t <sup>4</sup>					
*k	*k <sup>(h)</sup>	ś	s	s	š	s	th /θ/ k <sup>9</sup>	k ś [s] <sup>9</sup>	k	k	k	c /kl/; ch lxl <sup>8</sup>	*x; *γ <sup>3</sup> k <sup>4</sup>					
*k	*k <sup>(h)</sup>	k c <sup>5</sup>	k c <sup>5</sup>	k č <sup>5</sup> c /ts/ <sup>10</sup>	k	k' /kʰ/	k [k]		ku /kʷ/	p t <sup>5</sup> k <sup>6</sup>	qu /kʷ/ c /kl/ <sup>7</sup>	c /kl/ ch lxl <sup>8</sup>	*xʷ; *γʷ; *w <sup>3</sup> ; kw <sup>4</sup>					
*kw	*kw <sup>(h)</sup>						k s <sup>5</sup> q [c] <sup>10</sup>											
*b	*p'	b	b	b	b	p	b	p	p	b	b	b	*p					
*d	*t'	d	d	d	d	t	d dh /ð/ <sup>8</sup>	ts ś [s] <sup>5</sup>	t	d	d	d dh /ð/ <sup>8</sup>	*t					
*g	*k'	j /j̥/	z	z	ž /z/	c /ts/	dh /ð/ g <sup>9</sup>	k ś [s] <sup>9</sup>	k	g	g	g gh /ɣ/ <sup>8</sup>	*k					
*g	*k'	g [g]; j [j] <sup>5</sup>	g [g]; j [dʒ] <sup>5</sup>	g [g]; ž [z] <sup>5</sup> ; dz [dz] <sup>10</sup>	g [g]	k [k]	g											
*gw	*kw'						g z <sup>5</sup> gj /j/ <sup>10</sup>							ku /kʷ/	b d <sup>5</sup> g <sup>6</sup>	u /w/ gu /gʷ/ <sup>15</sup>	b m, bh /w/ <sup>8</sup>	*kʷ
*bh	*b <sup>(h)</sup> / *p <sup>h</sup>	bh /bʰ/	b	b	b	b w <sup>8</sup>	b	p	p	ph /pʰ/	f b <sup>8</sup>	b m, bh /m, w/ <sup>8</sup>	*β					
*dh	*d <sup>(h)</sup> / *t <sup>h</sup>	dh [dʰ]	d [d]	d [d]	d [d]	d [d]	d [d]	t [t]; c [c] <sup>5</sup>	t [t]	th [tʰ]	f [f]; d <sup>8</sup> ; b [b] <sup>14</sup>	d [d]; dh [ð] <sup>8</sup>	*ð					
*gh	*g <sup>(h)</sup> / *k <sup>h</sup>	h [h]	z [z]	z [z]	ž [z]	j [dʒ]; z [z] <sup>8</sup>	dh [ð]; d [d] <sup>9</sup>	k [k]; ś [s] <sup>5</sup>	k [k]	ch [kʰ]	h [h]; h [h] / g [g] <sup>9</sup>	g [g]; gh [ɣ] <sup>5</sup>	*γ					
*g <sup>h</sup>	*g <sup>(h)</sup> / *k <sup>h</sup>	gh [gʰ]; h [h] <sup>5</sup>	g [g]; j [dʒ] <sup>5</sup>	g [g]; ž [z] <sup>5</sup> ; dz [dz] <sup>10</sup>	g [g]	g [g]; j [dʒ] <sup>5</sup>	g [g]; z [z] <sup>5</sup> ; gj [j] <sup>10</sup>							ku [kʷ]	ph [pʰ]; th [tʰ] <sup>5</sup> ; ch [kʰ] <sup>6</sup>	f [f]; g [g] / u [w] <sup>8</sup> ; gu [gʷ] <sup>15</sup>	g [g]	*γʷ
*g <sup>wh</sup>	*g <sup>(h)</sup> / *k <sup>wh</sup>																	
*s	*s	s [s]; ś [s̪] <sup>11</sup>	h [h, x]; s [s] <sup>2</sup> ; š [ʃ] <sup>11</sup>	s [s]; x [x] <sup>11</sup>	s [s]; š [ʃ] <sup>11</sup>	h [h]; s [s] <sup>2</sup> ; [-] <sup>8</sup>	sh [ʃ]; gj [j] <sup>12</sup>	s [s]; ś [s]	ś [s]	h [h]; s [s] <sup>2</sup> ; [-] <sup>8</sup>	s [s]; r [r] <sup>8</sup>	s [s]	*s; *z <sup>3</sup>					
*m	*m	m [m]	m [m]	m [m]; , [-] <sup>13</sup>	m [m]; n [n] <sup>13</sup>	m [m]; n [n] <sup>13</sup>	m [m]; ∅ <sup>13</sup>	m [m]; ∅ <sup>13</sup>	m [m]; n [n] <sup>13</sup>	m [m]; n [n] <sup>13</sup>	m [m]	b [b]; m, bh [m, w] <sup>8</sup> ; n [n] <sup>13</sup>	*m; ∅ <sup>13</sup>					
*n	*n	n [n]	n [n]	n [n]	n [n]	n [n]	n [n]	n [n]; ñ [ɲ]	n [n]	n [n]	n [n]	n [n]	*n					
*l	*l	r [r] (dial. / l/)	r [r]	l [l]	l [l]	l [l]; + [t > ɣ]	l [l]; ll [l̥] <sup>8</sup>	l [l]	l [l]	l [l]	l [l]	l [l]	*l					
*r	*r	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	r [r]	*r					
*j	*j	y [j]	y [j]	j [j]	j [j]	∅	gj [j]; ∅	y [j]	y [j]	z [ʔzd/dz > z] / h [h]; ∅ <sup>8</sup>	i [j]; ∅ <sup>8</sup>	∅	*j					
*u	*u	v [v]	v [w]	v [v]	v [v]	g [g] / w [w]	v [v]	w [w]	w [w]	w > h / ∅ [w > h / -]	u [w > v]	f [f]; ∅ / w [w] <sup>8</sup>	*w					
PIE Trad.	PIE Glotal	Sánscrito	Avéstico	Antiguo Esloveno Eclesiást.	Lituano	Armenio	Albano	Tocario	Hitita	Griego	Latín	Irlandés antiguo	Proto germ.					

# III – RECONSTRUÇÃO DA LÍNGUA PROTO INDO-EUROPEIA (PIE)

## III.1. Agrupar as línguas



Distribuição das famílias linguísticas atualmente (wikipedia)

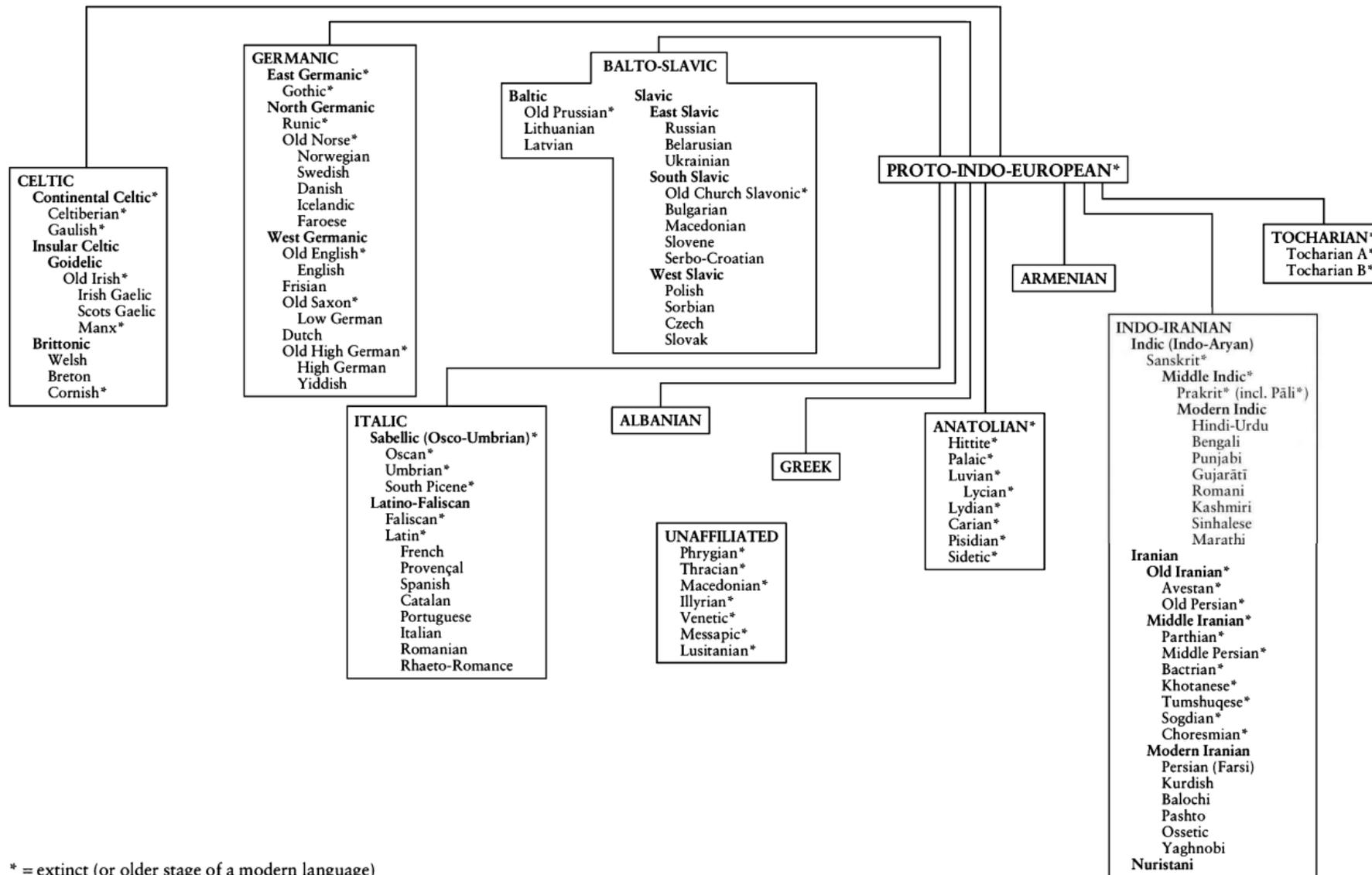


<span style="color: lightblue;">■</span>	Albanian
<span style="color: purple;">■</span>	Armenian
<span style="color: green;">■</span>	Balto-Slavic (Baltic and Slavic)
<span style="color: orange;">■</span>	Celtic (Brittonic and Goidelic)
<span style="color: red;">■</span>	Germanic (North and West)
<span style="color: yellow;">■</span>	Greek
<span style="color: darkblue;">■</span>	Indo-Iranian (Indo-Aryan, Iranian, Nuristani)
<span style="color: brown;">■</span>	Italic (Romance)
<span style="color: grey;">■</span>	Non-Indo-European languages

Dotted/striped areas indicate where **multilingualism** is common (more visible upon full enlargement of the map).

**Notes** † indicates this branch of the language family is extinct

Distribuição das línguas indo-europeias atualmente  
(wikipedia)



\* = extinct (or older stage of a modern language)

Figure 1.1 The Indo-European family tree, showing the approximate geographical distribution of the branches and the principal ancient, medieval, and modern languages of each. The names of branches and subbranches are in boldface. Not all languages or language stages are represented.



Map 1.1 Geographical distribution of the major Indo-European peoples around 500 BC

(B. W. FORTSON IV. *Indo-European Language and Culture: an introduction*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2010, p. 12.)

Table 1.1 *IE languages by date and place of first attestation.*

Date	Northern Europe	Western Mediterranean	Eastern Mediterranean	Iran / Central Asia / India
1800 BC			Old Hittite (ANATOLIAN)	
1400 BC			Mycenaean Greek (GREEK) Mittani (INDIC)	
500 BC		Latin (ROMANCE) South Picene (SABELLIAN) VENETIC Lepontic (CELTIC) MESSAPIC	PHRYGIAN THRACIAN MACEDONIAN	Old Persian (IRANIAN)
1 AD	LUSITANIAN			
500 AD	Rune inscriptions (GERMANIC)		ARMENIAN	
1000 AD	Old Church Slavonic (SLAVIC)			TOCHARIAN
1500 AD	Old Prussian (BALTIC)	ALBANIAN		
2000 AD	NURISTANI			

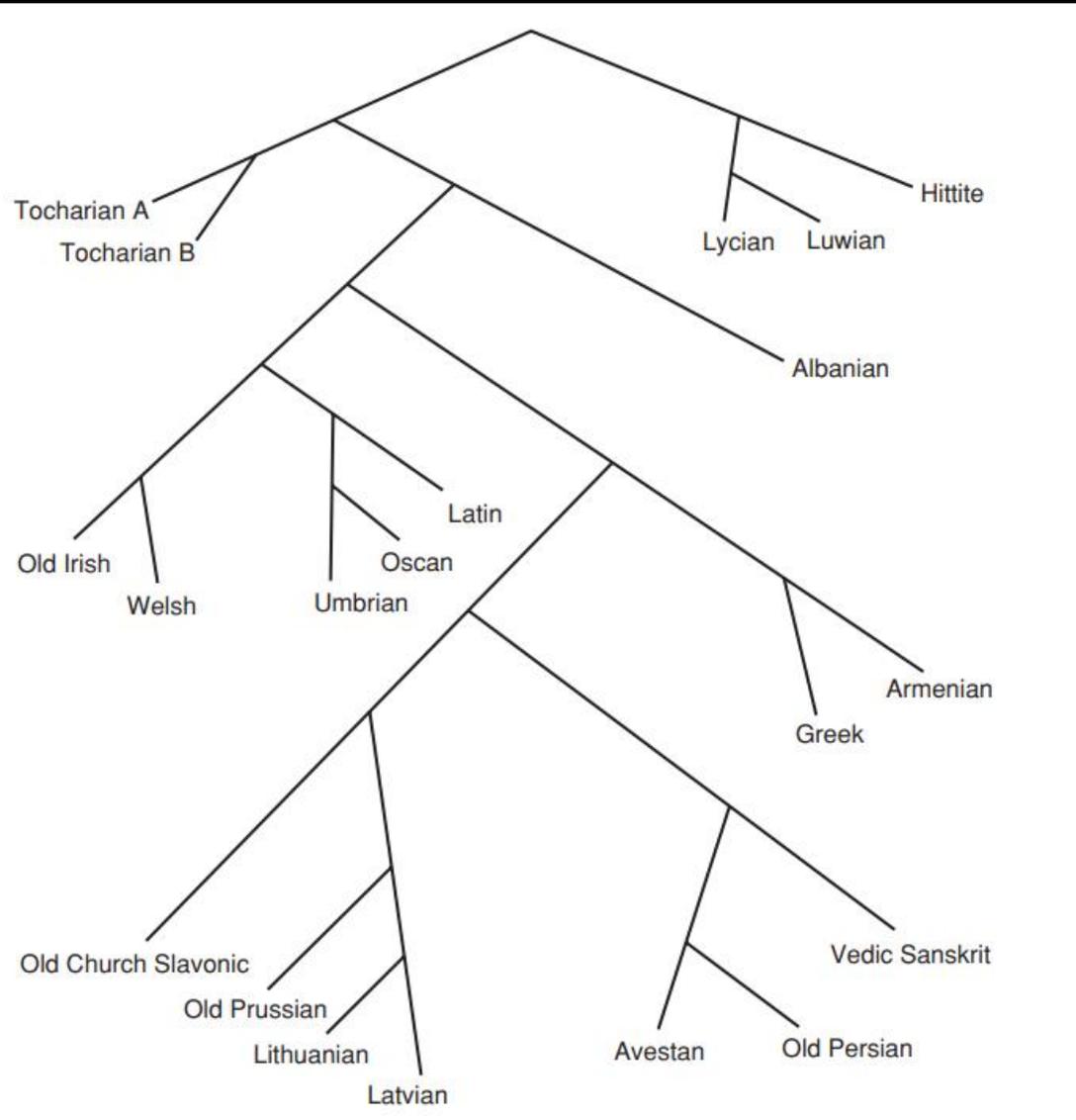


Figure 1.4 *The Pennsylvania family tree*  
 Reprinted by permission of Blackwell Publishing Ltd: *Transactions of the Philological Society* 100 (2002)

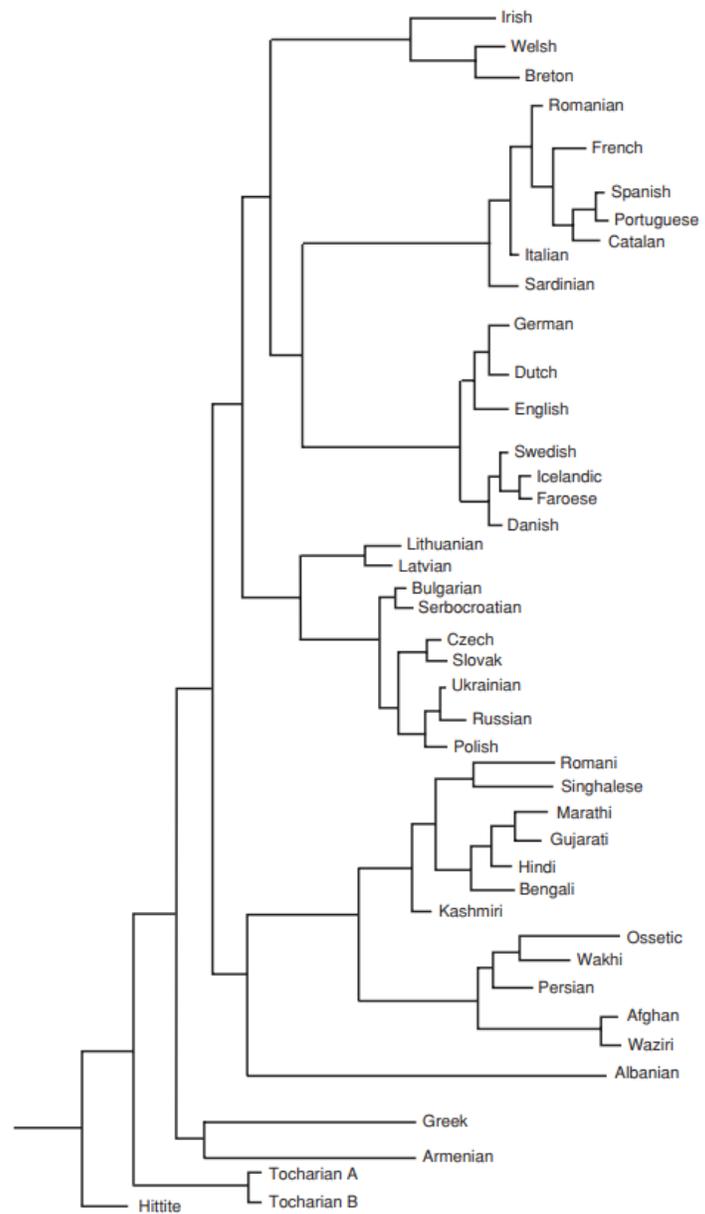


Figure 1.3 *The New Zealand family tree*  
 Adapted by permission from Macmillan Publishers Ltd: *Nature* 426 (2003)

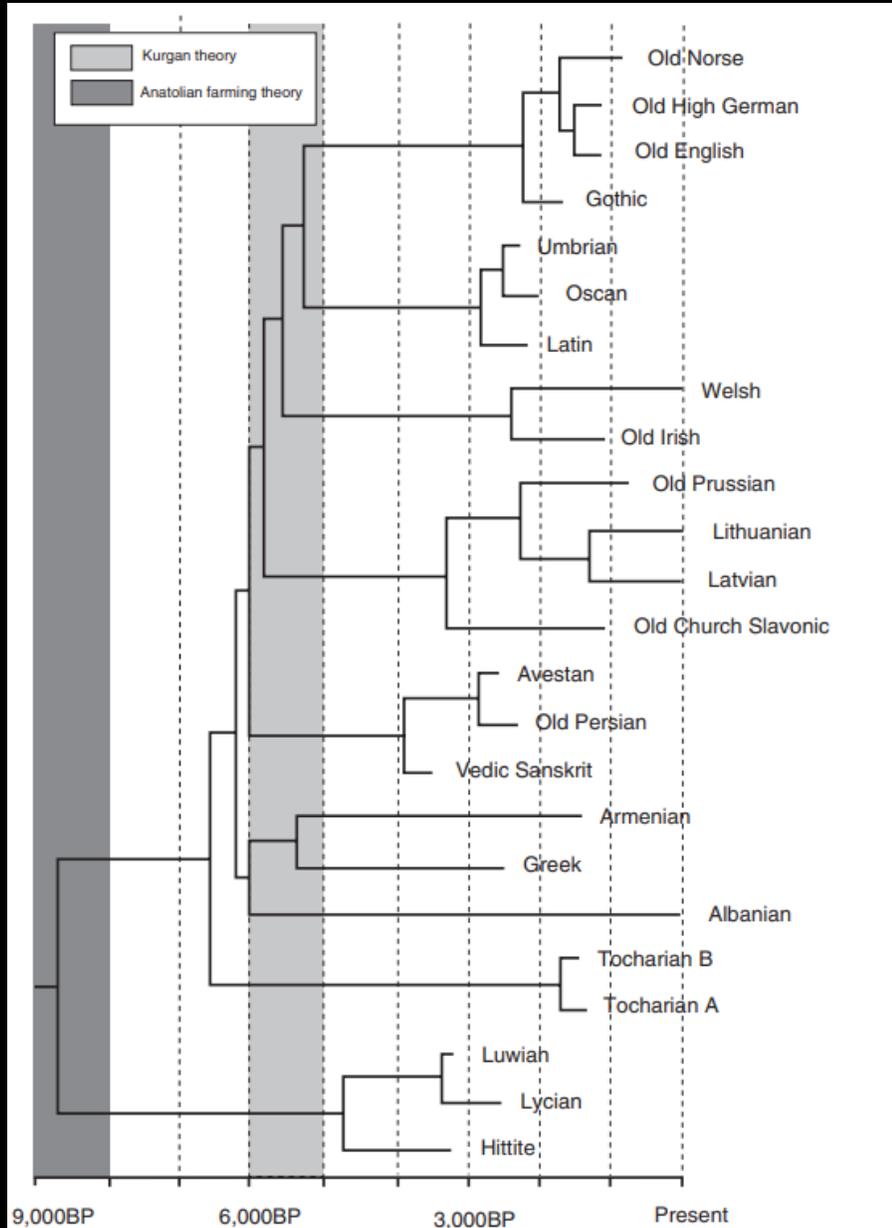


Figure 1.6 *The New Zealand family tree with dates*  
 Reprinted by permission of Blackwell Publishing Ltd: *Transactions of the Philological Society* 103 (2005)

## III.2. Reconstruir as formas

Table 7.5a *IE Kinship terms: relations by blood.*

PIE	Anatolian (Hittite)	Indo- Iranian (Sanskrit)	Greek	Latin	Germanic (English)	Celtic (Old Irish)	Baltic (Lithuanian)	Slavic (Russian)	Armenian	Meaning
<i>*ph<sub>2</sub>ter-</i>	<i>atta-</i>	<i>pítár-</i>	<i>patḗr</i>	<i>pater</i>	<i>father</i>	<i>athir</i>	<i>tévas</i>	<i>otec</i>	<i>hayr</i>	‘father’
<i>*meh<sub>2</sub>ter-</i>	<i>anna-</i>	<i>mātár-</i>	<i>mētḗr</i>	<i>māter</i>	<i>mother</i>	<i>máthir</i>	<i>mótyna</i>	<i>mat’</i>	<i>mayr</i>	‘mother’
<i>*b<sup>h</sup>reh<sub>2</sub>ter-</i>	<i>negna-</i>	<i>bhrátar-</i>	<i>adelphós</i>	<i>frāter</i>	<i>brother</i>	<i>bráthir</i>	<i>brólis</i>	<i>brat’</i>	<i>elbayr</i>	‘brother’
<i>*swesor-</i>	<i>nega-</i>	<i>svásar-</i>	<i>adelphḗ</i>	<i>soror</i>	<i>sister</i>	<i>siur</i>	<i>sesuõ</i>	<i>sestrá</i>	<i>k‘oyr</i>	‘sister’
<i>*sū-nu- /</i> <i>*sū-yu-</i>	Lycian <i>tideime/i</i>	<i>sūnú-</i>	<i>huiós</i>	<i>filius</i>	<i>son</i>	<i>macc</i>	<i>sunùs</i>	<i>syn</i>	<i>ordi</i>	‘son’
<i>*d<sup>h</sup>ugh<sub>2</sub>ter-</i>	Luwian <i>tuwat(a)ri-</i>	<i>duhitár-</i>	<i>thugátēr</i>	<i>fīlia</i>	<i>daughter</i>	<i>ingen</i>	<i>duktē</i>	<i>doč’</i>	<i>dustr</i>	‘daughter’
<i>*h<sub>2</sub>ewh<sub>2</sub>o-</i>	<i>huhha-</i>	<i>pitāmahá-</i>	<i>páppos</i>	<i>auus</i>	Old Norse <i>afi</i>	<i>senathir</i>	<i>sēnis</i>	<i>deduška</i>	<i>haw</i>	‘grandfather’
<i>*h<sub>2</sub>en-</i>	<i>hanna-</i>	<i>pitāmahī-</i>	<i>téthē</i>	<i>auia</i>	Old High German <i>ana</i>	<i>senmáthir</i>	<i>sēnè</i>	<i>babuška</i>	<i>han</i>	‘grandmother’
		<i>pitṛvya-</i>	<i>pátrōs</i>	<i>patruus</i>	Old High German <i>fetiro</i>		<i>dédè</i>	Old Church Slavonic <i>stryj</i>		‘father’s brother’

(J. CLACKSON. *Indo-European Linguistics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 202, parcial.)

Table 7.6 *Some PIE animal names.*

PIE form	Meaning	Comparative evidence
* <i>pek'u-</i>	stock animal	Sanskrit <i>pásu</i> , Latin <i>pecū</i> , Umbrian <i>pequo</i> , Old Lithuanian <i>pēkus</i> , Old English <i>feoh</i> , Gothic <i>faihu</i> , Old Norse <i>fé</i> et al.
* <i>h<sub>2</sub>owi-</i>	sheep	Luwian <i>hawī-</i> , Lycian <i>xawa-</i> , Sanskrit <i>ávi-</i> , Greek <i>ó(w)is</i> , Latin <i>ouis</i> , Irish <i>oi</i> , English <i>ewe</i>
* <i>g<sup>w</sup>ow-</i>	cow	Sanskrit <i>gáv-</i> , Greek <i>boûs</i> , Latin <i>bos</i> , Irish <i>bó</i> , Old English <i>cu</i>
* <i>g<sup>h</sup>wer-</i>	wild animal	Greek <i>thér</i> , Latvian <i>zvērs</i> , Old Church Slavonic <i>zvěřī</i> , Latin <i>ferus</i> 'wild'
* <i>wlk<sup>w</sup>o-</i>	wolf	Sanskrit <i>vṛka-</i> , Greek <i>lúkos</i> , Latin <i>lupus</i> , Gothic <i>wulfs</i> , Lithuanian <i>vil̃kas</i> , Albanian <i>ujk</i>
* <i>h<sub>2</sub>rtk'o-</i>	bear	Hittite <i>hartagga-</i> , Sanskrit <i>ṛkṣa-</i> , Greek <i>árktos</i> , Latin <i>ursus</i> , Middle Irish <i>art</i> , Armenian <i>arj</i>

Table 2.4 *Phonological inventory of PIE.*

**Consonants**

**Stops**

Labial	Dental	Palatal	Velar	Labio-velar
*p	*t	*kʼ	*k	*k <sup>w</sup>
(*b)	*d	*gʼ	*g	*g <sup>w</sup>
*b <sup>h</sup>	*d <sup>h</sup>	*gʰ	*g <sup>h</sup>	*g <sup>wh</sup>

**Fricatives**

\*s

**‘Laryngeals’**

\*h<sub>1</sub>, \*h<sub>2</sub>, \*h<sub>3</sub>

**Resonants**

**Nasals**

\*m                      \*n

**Continuants**

\*r, \*l, \*y, \*w

**Vowels**

**short**

\*e, \*o, (\*a)

**long**

\*ē, \*ō, (\*ā)

Table 4.1 *The singular paradigm for 'father' in PIE.*

	PIE	Sanskrit	Greek	Latin	Gothic	Old Church Slavonic	Armenian
nominative	* <i>ph<sub>2</sub>tēr</i> < * <i>ph<sub>2</sub>tér-s</i>	<i>pitá</i>	<i>patér</i>	<i>pater</i>	<i>fadar</i>	<i>mati</i>	<i>hayr</i>
vocative	* <i>ph<sub>2</sub>ter</i>	<i>pítar</i>	<i>páter</i>	<i>pater</i>	<i>fadar</i>	<i>mati</i>	
accusative	* <i>ph<sub>2</sub>tér-m</i>	<i>pitáram</i>	<i>patéra</i>	<i>patrem</i>		<i>materī</i>	<i>hayr</i>
genitive / ablative	* <i>ph<sub>2</sub>tr-és</i>	<i>pitúr</i>	<i>patrós</i>	<i>patris</i>	<i>fadr</i> s	<i>matere</i>	<i>hawr</i>
dative	* <i>ph<sub>2</sub>tr-éi</i>	<i>pitré</i>	<i>patrí</i>	<i>patrī</i>		<i>materi</i>	<i>hawr</i>
locative	* <i>ph<sub>2</sub>tér-i</i>	<i>pitári</i>		<i>patre</i>		<i>materi</i>	<i>hawr</i>
instrumental	* <i>ph<sub>2</sub>tr-eh<sub>1</sub></i>	<i>pitrá</i>				<i>materija</i>	<i>harb</i>

Table 4.2 *The singular paradigm for 'sky / god' in PIE.*

	PIE	Hittite	Sanskrit	Greek	Latin
nominative	* <i>dyéw-s</i> or * <i>dyéw-s</i>	<i>sius</i>	<i>dyáuṣ</i>	<i>Zdeús</i>	<i>diēs</i>
vocative	* <i>dyéw</i>			<i>Zdeû</i>	<i>Iū-</i>
accusative	* <i>dyém</i> < * <i>dyéw-m</i>	<i>siunan</i>	<i>dyám</i>	<i>Zdén</i>	<i>diem</i>
genitive / ablative	* <i>diw-és</i>	<i>siunas/siunaz</i>	<i>divás</i>	<i>Di(w)ós</i>	<i>Iouis</i>
dative	* <i>diw-éi</i>	<i>siuni</i>	<i>divé</i>	<i>di-we</i>	<i>Iouī</i>
locative	* <i>dyéw-i</i>	<i>siuni</i>	<i>dyávi</i>	<i>Di(w)í</i>	<i>Ioue</i>
instrumental	* <i>diw-éh<sub>1</sub></i>	<i>siunit</i>	<i>divá</i>		

(J. CLACKSON. *Indo-European Linguistics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 93 e 94.)

Table 5.11 *Reconstructed thematic primary and secondary endings.*

	Primary			Secondary			
	PIE	Sanskrit	Greek	Latin	PIE	Sanskrit	Greek
1.	*- <i>ō</i>	- <i>āmi</i>	- <i>ō</i>	- <i>ō</i>	*- <i>om</i>	- <i>am</i>	- <i>on</i>
2.	*- <i>esi</i>	- <i>asi</i>	- <i>eis</i>	- <i>is</i>	*- <i>es</i>	- <i>as</i>	- <i>es</i>
3.	*- <i>eti</i>	- <i>ati</i>	- <i>ei</i>	- <i>it</i>	*- <i>et</i>	- <i>at</i>	- <i>e</i>
4.	*- <i>ome</i>	- <i>āmas</i>	- <i>omen</i>	- <i>imus</i>	*- <i>ome</i>	- <i>ama</i>	- <i>omen</i>
5.	*- <i>ete</i>	- <i>atha</i>	- <i>ete</i>	- <i>itis</i>	*- <i>ete</i>	- <i>ata</i>	- <i>ete</i>
6.	*- <i>onti</i>	- <i>anti</i>	- <i>ousi</i>	- <i>unt</i>	*- <i>ont</i>	- <i>an</i>	- <i>on</i>

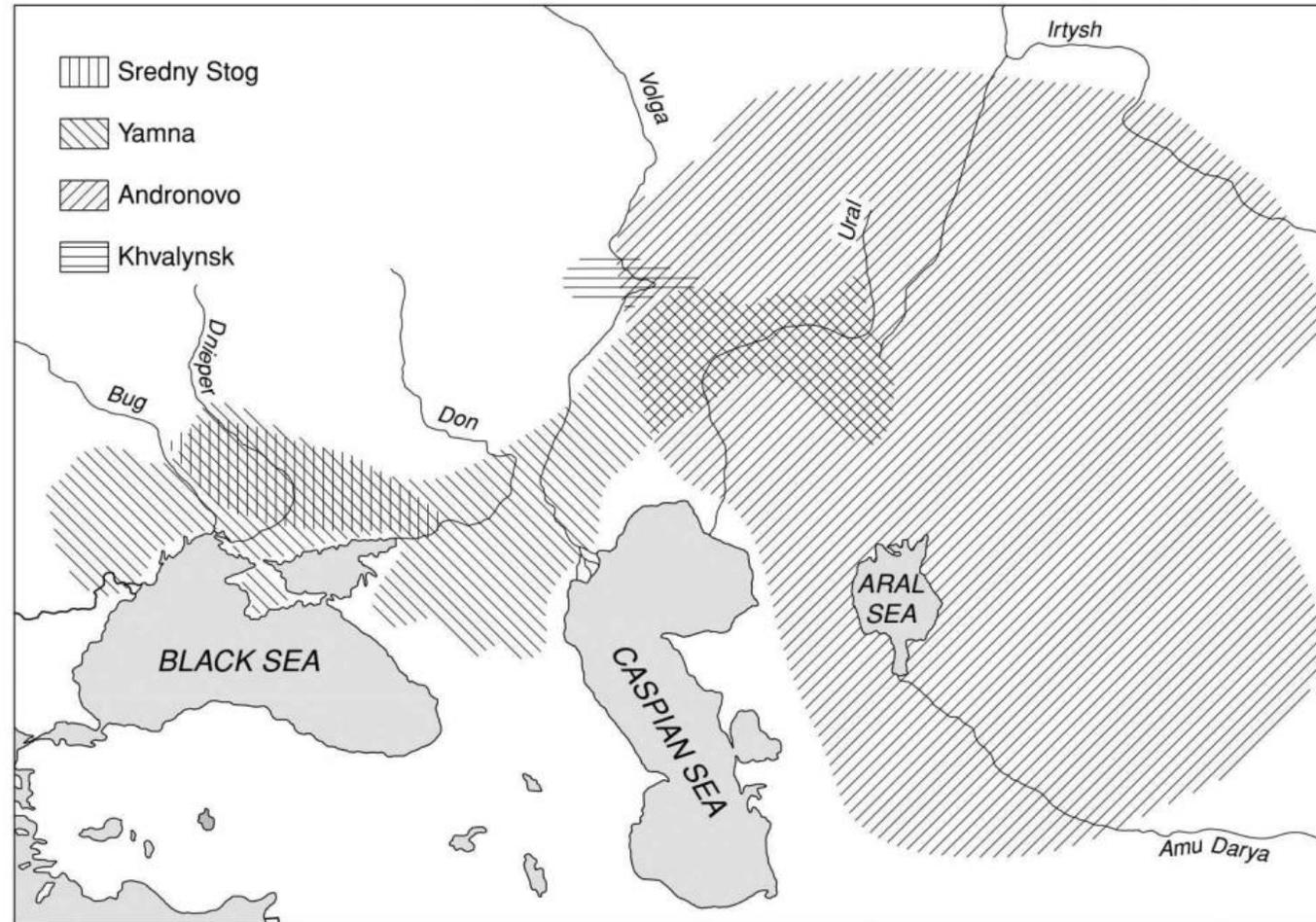
(J. CLACKSON. *Indo-European Linguistics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 127.)

## IV – CULTURA PROTO INDO-EUROPEIA

“[Cultura] é o conjunto das formas de vida típicas de uma população, incluído o estado de espírito [*Geistesverfassung*] que as sustenta, especialmente a hierarquia dos valores, pelo que as formas de vida típicas... também compreendem as bases técnicas da vida coletiva, com seus substratos materiais, tais como as vestimentas, os abrigos, as ferramentas e implementos, etc..”

(W. E. MÜHLMANN. Kultur. In: W. BERNSDORF. *Wörterbuch der Soziologie*. Stuttgart, 1969, p. 598ss.)

## IV.1. Instituições sociais



Map 2.1 Selected Late Neolithic and Chalcolithic (Bronze Age) cultures north of the Black and Caspian Seas

(B. W. FORTSON IV. *Indo-European Language and Culture: an introduction*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2010, p. 47.)

\*k<sup>w</sup>ék<sup>w</sup>los

\*dyéws \*ph<sub>2</sub>tér

\*ǵ<sup>h</sup>m̥mó // \*ǵ<sup>h</sup>m̥mó

\*h<sub>2</sub>éwsōs

PROTECT (\**pah*<sub>2</sub>-) MEN (\**uih*<sub>x</sub>*ro*-) (and) LIVESTOCK (\**peku*-).

(C. WATKINS. *How to Kill a Dragon: aspects of Indo-European Poetics*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 42.)

## IV.2. Mito

‘The basic formula (*la formule de base*) designating the slaying of Vṛtra is (*índro*) *vṛtrám* (or *áhim*) *jaghāna* or *ahan*’ ((Indra) slew (perfect or imperfect) Vṛtra (or the serpent)).

HERO

SLAY (\*g<sup>h</sup>en-) SERPENT (with WEAPON)  
(with COMPANION).

(C. WATKINS. *How to Kill a Dragon: aspects of Indo-European Poetics*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 302.)

## FÓRMULA

“um grupo de palavras que é regularmente empregado, sob as mesmas condições métricas, para expressar dada ideia essencial.” (Parry)

“o dispositivo verbal e gramatical para codificar e transmitir um dado tema ou uma dada interação de temas [...] Isso quer dizer que o *tema* é a estrutura profunda da fórmula.” (Watkins, p. 17)

- 1 Dos feitos heroicos de Indra, contarei agora,  
aqueles que o portador do *vajra* primeiro executou.  
Ele esmagou a Serpente, abriu um caminho para as águas;  
ele dividiu as entranhas das montanhas.
- 2 Ele esmagou a Serpente que jazia na montanha;  
Tvaṣṭṛ modelou para ele o *vajra* ruidoso.  
Fluindo como vacas mugindo,  
as águas corriam direto para o mar ...
- 4 Quando, Indra, tu esmagaste a primogênita das serpentes  
e diminuístes a magia dos mágicos,  
então, trazendo à luz o Sol, o céu e a aurora –  
desde então, tu realmente não encontraste nenhum antagonista.
- 5 Ele esmagou Vṛtra, o mais *vṛtra*, o de ombros largos,  
Indra com seu *vajra*, sua grande arma.

- Como galhos cortados por um machado,  
a serpente jaz achatada na terra ...
- 7 Sem pés, sem mãos, ele lutou contra Indra,  
(mas) golpeou com o *vajra* suas omoplatas.  
Um boi castrado encontrando com um touro,  
Vṛtra caiu despedaçado por todo o lugar.
  - 8 Enquanto ele jaz assim, como um junco quebrado,  
As águas de Manu subindo passam sobre ele:  
as mesmas que Vṛtra cercou em sua grandeza,  
aos pés delas agora a serpente estava prostrada ...
  - 10 Nos incessantes, incansáveis  
cursos das águas seu corpo é deposto.  
Sobre o esconderijo de Vṛtra, as águas correm;  
na longa escuridão ele afundou, o antagonista de Indra.
  - 11 As esposas do demônio, o rebanho da Serpente, permaneceram  
encerradas, tais águas, como as vacas de Paṇi.  
A fenda das águas que estava bloqueada,  
ao destruir Vṛtra, ele a abriu.
  - 12 ... Tu ganhaste as vacas, herói, tu ganhaste o Soma,  
tu liberaste as sete correntezas para fluir.
  - 13 Nem relâmpago nem trovão o ajudaram,  
nem chuva e granizo ele derramou.  
Como Indra e a Serpente lutaram,  
para o futuro também o Generoso é o vitorioso.

(RV 1.32, apud: M. WEST. *Poesia e mito indo-europeus*. Trad.  
Araçoiaba da Serra: Mnema, 2022, p. 291-292.)

## IV.3. Poesia

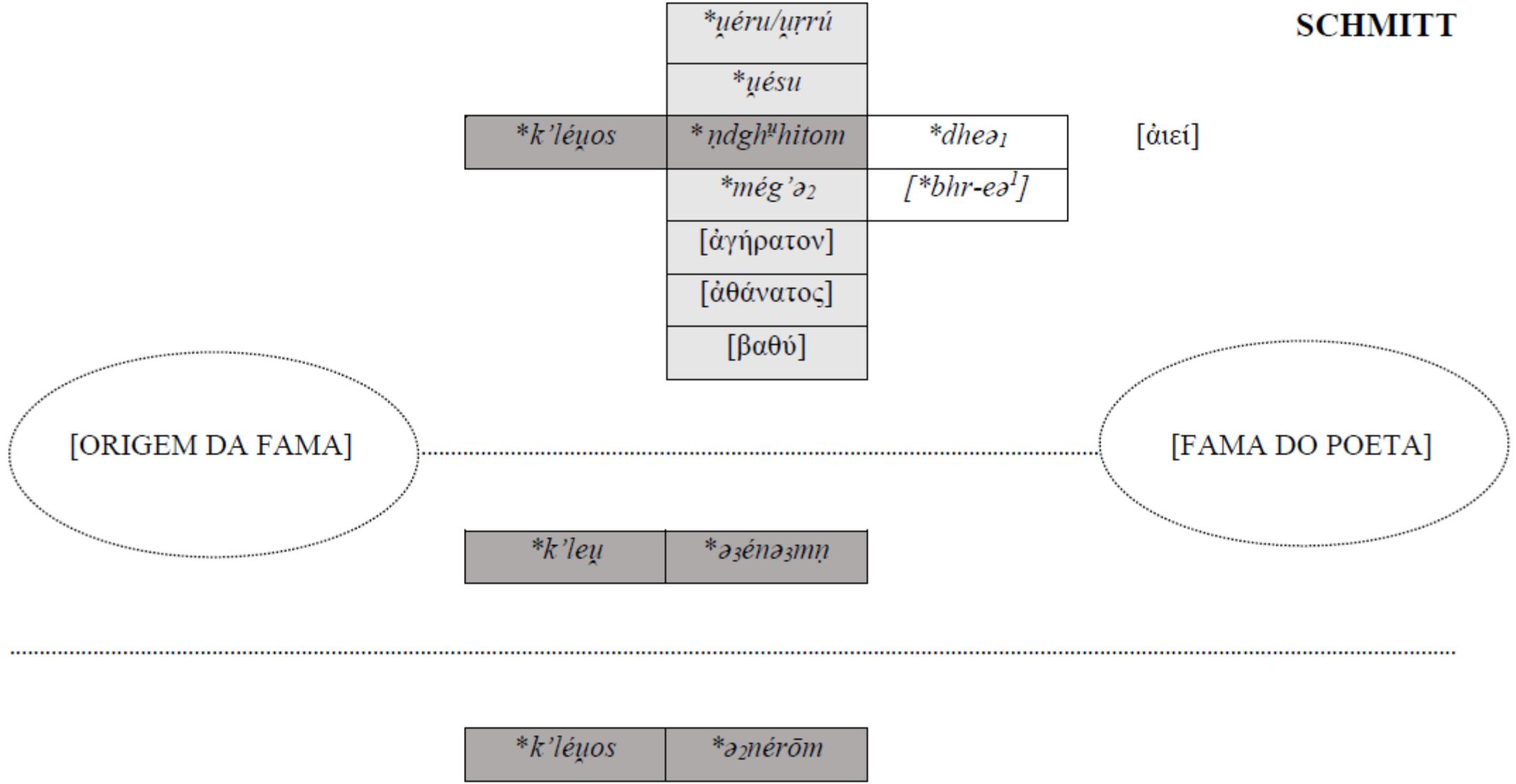
κλέος ἄφθιτον (Il.12.65)  
śravo... ákṣitam e ákṣiti śrávaḥ (RV.1.9.7)

(Adalbert Kuhn, 1853)

“A despeito do intenso estudo das tradições gregas por classicistas e por teóricos, nós carecemos de um relato fundamentado do que pode constituir uma fórmula, e há, na prática, ampla discordância sobre se determinado nexos textual – incluindo o famoso κλέος ἄφθιτον – é ou não é formular. (...) A “ideia essencial” (na expressão de Parry), para ser completa, requer maior especificação: a presença de uma referência pronominal e de predicação. (...) O fato importante é que κλέος + adjetivo é parte de uma frase verbal mais longa... (...) Mas κλέος ἄφθιτον é uma fórmula, bem como constituinte de uma unidade formular mais ampla, incluindo a frase verbal com o verbo SER e um pronome (dativo de “interesse” e dativo de posse são, no final das contas, a mesma coisa), e uma expressão de SEMPRE...”

(R. SCHMITT. *Dichtung und Dichtersprache in indogermanischer Zeit*. Darmstadt: Wiesbaden, 1968, p. 173-176.)

SCHMITT



WATKINS

PRO+      BE/HAVE      FAME      IMPERISHABLE      (FOREVER)  
 GET      UNQUENCHABLE  
 WIN      GOOD  
 GRANT      GREAT

PRO <sub>dat</sub>	*h <sub>1</sub> es-	*k̑leu <sub>s</sub> os	*ndg <sup>h</sup> hitom	*h <sub>2</sub> a <sub>i</sub> u-	
PRO <sub>nom</sub>	*segh-	*k̑leu <sub>s</sub> os	*ndg <sup>h</sup> hitom	*h <sub>2</sub> a <sub>i</sub> u-	[sujeito humano]
	*dheh <sub>1</sub>				
PRO <sub>dat</sub>	*dheh <sub>1</sub>	*k̑leu <sub>s</sub> os	*ndg <sup>h</sup> hitom	*h <sub>2</sub> a <sub>i</sub> u-	[sujeito divino]